

«PROJECTO É PROJÉCTIL...»

Um grupo de professores deu início em Março de 77 a um projecto de trabalho tentando determinar qual deverá ser a formação-base psico-pedagógica de qualquer profissional de educação que interfira directamente na formação de professores. Este projecto pretende contribuir, atacando o problema pelo ângulo que se considerou oferecer garantias de maior rentabilidade, para a criação de um «novo professor», na medida em que quer dar elementos para uma conveniente formação dos formadores de professores. O trabalho que tem vindo a desenvolver-se através de debates, reflexões conjuntas e sobretudo de muitas actividades experimentais, forneceu já dados que se afiguram, à equipa que o está a levar a cabo, de extremo interesse. Um dos dados mais importantes, de que nos propomos tratar agora, consiste, sem dúvida, no interesse de introduzir o Trabalho de Projecto na formação de formadores e de professores.

A equipa

O trabalho de projecto é uma proposta pedagógica muito recente, embora já com larga implantação na Dinamarca, Suécia e também na Inglaterra, com características tais que torna possível o desencadear de um verdadeiro crescimento pessoal e profissional do professor.

Poderá dizer-se, numa primeira abordagem, que este tipo de trabalho consiste fundamentalmente numa actividade a desenvolver em equipa, durante a qual se procura *tratar um problema* — que tenha real interesse para o grupo e que, sendo embora relacionado com a profissão, tenha as suas raízes na envolvente social.

Dado que o grupo que vai estudar o problema terá de o fazer através de uma actividade de pesquisa e dadas as características acima referidas de que se reveste este problema, esta actividade torna possível que, quem a pratica, adquira, a par de toda uma gama de aprendizagens, uma compreensão do homem-professor-cidadão que é. Julgamos que poucas ou talvez mesmo nenhuma actividades de formação oferecem a possibilidade de um leque tão vasto de níveis de desenvolvimento: o professor é tocado a nível pessoal, sendo levado a reflectir, por vezes até a rever, opções interiores, é-lhe posto em questão o seu modo de estar no grupo de trabalho e na instituição onde actua é confrontado com problemas que, tendo origem na comunidade, se reflectem forçosamente em toda a escola.

Mas o mais importante não é a consciencialização de tudo isto. É sim o crescimento que, a todos os níveis, essa consciencialização implica, assim como o facto de se encontrarem vias para não se ficar passivo ante os problemas que se nos deparam.

«Não é mais possível aceitar que a escola seja um local onde se pratica a selecção dos mais aptos e onde se estimula a criação de um clima competitivo. É fundamental promover *todos e cada um*, é fundamental estimular a cooperação entre os elementos da comunidade escolar.

AS ETAPAS DA PROCURA

O trabalho desenvolve-se ao longo de diferentes etapas e, embora elas se articulem constituindo um todo, a verdade é que cada uma tem um papel específico na formação.

Tudo começa quando os professores, discutindo abertamente, sentem que há um problema que é urgente encarar e em relação ao qual é preciso, pelo menos, apontar vias de actuação. Normalmente este problema é vasto, complexo e então os professores, constituindo-se em pequenos grupos, formulam problemas mais concretos que ofereçam já a possibilidade de serem estudados. Estes «pequenos problemas» são portanto aspectos parcelares do problema anteriormente detectado e, cada um deles, irá ser objecto de um trabalho de pesquisa independente, levado a cabo por cada equipa. Esta fase de escolha do problema é uma das etapas do trabalho em que se alarga a visão que o professor tem do seu papel. Todo o debate que se estabelece no grupo até que se encontre um campo de problemas, que a todos se afigure importante, e até que se desdobre esse campo em problemas muito concretos e significativos, arranca o professor dos limites estreitos da sua sala de aula, fá-lo interrogar-se sobre o seu papel de cidadão-professor.

Em alguns seminários em que se realizaram, em Portugal, miniprojectos de sensibilização a este tipo de trabalho, foram escolhidas grandes áreas a estudar, como por exemplo: «Como ocupar os tempos livres das crianças?» ou «Relação escola-família» ou ainda «Porque é que professores e alunos geralmente não gostam da escola?»

Em cada um destes trabalhos foram isolados pequenos problemas, cada um dos quais foi tratado por sua equipa. No primeiro deles, por exemplo, surgiram interrogações do tipo: «Como ocupar os tempos livres durante o período de aulas?» ou «Como organizam as actividades dos tempos livres as crianças da zona da Pasteleira?» etc., etc.

Uma vez identificado de uma forma muito clara o problema que vai ser estudado, a equipa estabelece um plano de acção que possa vir a fornecer elementos sobre a validade das respostas que provisoriamente deram ao problema identificado. Como se vai proceder? Que dados precisam de colher? Onde os poderão obter? E como obtê-los? Fazendo entrevistas? Tirando fotografias? Fazendo inquéritos? Consultando documentação? Observando? Tomando notas? Dividem-se as tarefas, marcam-se prazos, uma actividade intensa se apossa de

A escola não é uma “ilha” isolada na sociedade. Reflecte os seus problemas e tem nela certa margem de intervenção: deverá permanecer atenta aos alunos que tem e procurar resolver alguns problemas que só aparentemente são exteriores à escola.

Na formação de um professor terá de ser prioritário o seu desenvolvimento como ser humano. “Um professor ensina mais aquilo que é do que aquilo que ensina” (de George Mauco in *Psicanálise e educação*).

... ..
Há potencialidades no domínio do sensível que, devido à ênfase que a educação dá ao racional, estão como que adormecidas. O despertar dessas potencialidades conferirá possibilidades de percepção e de contacto que muito enriquecerão o educador.

... ..



Uma banda desenhada

A aprendizagem só é real quando, em vez de se *receberem* passivamente os ensinamentos, se *encontram*, por esforço próprio, respostas para problemas que interessa resolver.

Os orientadores, tal como os professores, deverão fazer a sua preparação profissional de acordo com os princípios que se deseja que ponham em prática na sua actuação profissional.»

... ..
De «Pressupostos do projecto de Formação de Formadores».

todos. E, sem que disso se dêem conta, que óptimo treino de trabalho em grupo, que aprendizagem pela prática, pelo esforço próprio, de uma metodologia investigativa!

A PARTIDA PARA O CAMPO E O «FEED-BACK»

Depois, é a partida para o campo a explorar. É o contacto com a realidade, o confronto com duros problemas. É o sair do «mundo», apesar de tudo protegido, da escola onde cada um de nós se acolheu, muitas vezes porque o conhecíamos já, como alunos, desde a nossa infância. E há, na dureza dos contactos, um renascer de energia pela consciência de um mundo de carências a enfrentar.

Nesta fase procura-se que, de tempos a tempos, as equipas se encontrem com os orientadores do trabalho, para que restituam um pouco do que estão fazendo, para que reflitam sobre as estratégias que estão a utilizar, sobre o que se passa na equipa como grupo. Daqui resulta que esta actividade tenha também imensa importância na área de dinâmica de grupo. Neste sentido são mesmo distribuídos às equipas de tempos a tempos, pequenos inquéritos, que servem somente de guião para auto-análise ou para a análise do grupo. «Qual é o clima de trabalho do grupo?» Estamos a trabalhar com espírito de colaboração ou de concorrência? «Estamos a tirar partido dos recursos de cada um?» «Escolhemos um bom material?» etc., etc.

Nos casos dos miniprojectos anteriormente citados, as equipas partiram para o exterior munidas de blocos de notas, máquinas fotográficas, gravadores...

Talvez para muitos tenha sido uma revelação que certamente lhes alterou o espírito com que passaram a encarar as crianças que tinham na sua aula. Entraram em casas, viram como as crianças viviam, como brincavam... ou não brincavam porque depois da escola substituíam a mãe na lida da casa. Falaram com crianças, com os seus pais, consciencializaram carências múltiplas, aperceberam-se de regras de actuação, de códigos morais que nunca tinham suspeitado. Houve grupos que reformularam o seu problema inicial perante o que viram. Novos problemas surgiram: «Todas as crianças têm tempos livres?» «E o que são afinal tempos livres? As faltas dos professores? Os tempos de espera pelo transporte para regressarem a casa depois das aulas? O abandono a que estão votadas algumas crianças antes dos pais chegarem a casa?» Cada novo problema, cada interrogação que nasce, cada campo a explorar, cada um deles a dar origem a novas interrogações, novas estupefacções. Cada um deles a provocar uma maturação pessoal, uma maior bagagem para a profissão... «Projecto é projectil...»

Depois, é a fase de organização dos dados obtidos. Os participantes regressam à escola cheios de elementos, emocionados, ansiosos de mostrar o que conseguiram obter. Estuda-se o material; confrontam-se dados, discute-se, analisa-se, organiza-se e encontram-se algumas respostas.

É agora a etapa em que mais se dá largas à imaginação, pois que é preciso dar a conhecer aos outros os resultados a que se chegou. Como vai ser feita a apresentação? Uma exposição simples? Uma dramatização? Um painel com cartazes e fotografias? Slides ou filmes acompanhados de um comentário? Uma banda desenhada? Todos estes meios foram usados numa total liberdade pelos grupos de trabalho a que nos referimos. E aqui os professores tão sérios, tão sisudos, descobrem que são capazes de criar, de pintar, de representar, de fazer muita coisa que, e é bem pena, já não faziam há muito tempo. E que importante é redescobrir potencialidades adormecidas!

Agora, em grande grupo, começam a ser apresentados os diferentes trabalhos. A aprendizagem que se conseguiu é analisada, e o funcionamento de cada equipa também. Pratica-se o exercício do espírito crítico. Pratica-se a avaliação. O problema inicial começa então a adquirir contornos mais nítidos, a ter forma e cor, iluminado pelos dados deste e daquele grupo, pela compreensão que cada achega traz, pela análise crítica que atentamente, seriamente, se faz. Todos em conjunto se debruçam sobre uma questão que é de todos, de que cada um se apropriou à sua maneira.

FINALMENTE... UM PROFESSOR

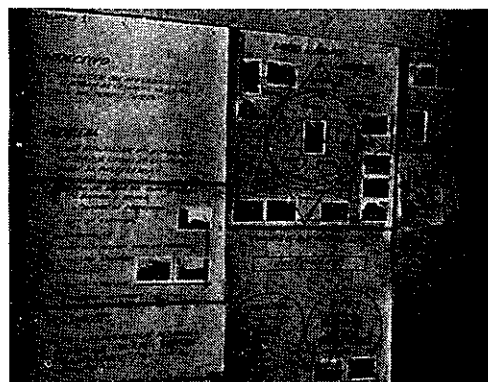
Novos problemas surgem desencadeados pelo tratamento dos primeiros. Novas interrogações. Há um desejo grande de saber, de perceber melhor. Há uma apropriação de uma consciência da realidade, há uma maturidade maior, que ajuda a transformar o agente de ensino de um transmissor de conhecimentos num professor...

*Lúisa Cortesão
Manuela Malpique
Maria Amélia Torres
Maria de Jesus Lima*

(da equipa de «Formação de Formadores»)



Uma dramatização



Um painel



Os professores descobrem que são capazes de criar